

GERAÇÃO ALFA E O ENSINO DA LÍNGUA INGLESA: PERCEPÇÕES DOS PROFESSORES A RESPEITO DA MUDANÇA DE PERFIL GERACIONAL

Alpha Generation and teaching English language: teacher's perception about changing generational profile

Cristiane Aparecida Decco KAWAMURA (Faculdade Cultura Inglesa, São Paulo/SP, Brasil)

RESUMO: *Este trabalho objetiva analisar o impacto das mudanças geracionais no perfil do aluno da geração alfa, as influências que sofreram da geração Z, bem como as percepções que os professores especialistas de uma escola estadual de tempo integral envolvidos na pesquisa têm dessa mudança e no que isso implica em suas práticas em sala de aula, especialmente no ensino da Língua Inglesa. Inicialmente apresenta-se uma breve leitura das classificações geracionais, seguida do perfil da geração alfa e suas especificidades na aprendizagem geral e na da Língua Inglesa. A produção de dados para este estudo envolve entrevistas com professores e notas de campo de aulas ministradas para alunos de terceiros e quintos anos do ensino fundamental I, cujo intuito foi o de entender qual é atual perfil de estudante da geração alfa, enquanto aluno do Ensino Fundamental I, levando os profissionais a uma reflexão sobre a metodologia aplicada em sala de aula e sua eficácia na abordagem com tais alunos.*

PALAVRAS-CHAVE: Geração; Alfa; Ensino; Inglês

ABSTRACT *This study aims to analyze the impact of generational changes in the profile of the student of the alpha generation, the influences that they suffered from the generation Z, as well as the perceptions that teachers who work full time with members of this 'so called' generation, participants in this study, have of this change and about its implications for their classroom practice, especially in the teaching of the English language. Initially, a brief discussion of the generational classifications is presented, followed by a description of the profile of the alpha generation and its characteristics in relation to the learning of the English language. The data collection for this investigation involves interviews with teachers and field notes taken in classes taught to third and fifth-grade elementary school learners. The purpose of the study was to understand the current profile of the alpha generation learners, while in their elementary school days, leading professionals to reflect about the methodology applied in the classroom and its effectiveness in approaching such students.*

KEYWORDS: Generation; Alpha; Teaching; English

INTRODUÇÃO

Este trabalho objetiva identificar qual a percepção do professor quanto ao perfil do aluno da escola pública do Ensino Fundamental I atualmente e a partir desse perfil, quais as implicações na sua metodologia e especialmente no ensino da Língua Inglesa, uma vez que já é anunciada como língua mundial (Rajagopalan, 2009).

Observar as mudanças tecnológicas é perceber transformações sociais, econômicas, éticas, morais e essencialmente comportamentais envolvidas no processo. Os avanços tecnológicos não só implicaram na velocidade e na quantidade de informação que recebemos, mas também nas relações sociais do homem com seu semelhante e com o mundo ao seu redor, fazendo-o refletir sobre sua participação, em diversas instâncias do conhecimento, em particular no tocante à escola, já que essa relação mudou profundamente. “A escola é considerada apenas mais um dos pontos de interesse de suas vidas”. (Veen e Wracking, 2009, p.12)

Veen e Wracking (2009, p.15) traduzem muito bem esse pensamento, quando em sua obra nomeiam o ser protagonista de toda essa metamorfose de *Homo Zappiens* dizendo que “esses avanços econômicos e sociais implicam mudanças não só em nosso sistema educacional, mas, mais do que isso, em nossas convicções, atitudes e habilidades profissionais”.

Tais mudanças requerem verificar não só a perspectiva discente, embora não haja o intuito de determinar um perfil limitado, mas também à docente, buscando essencialmente levar o profissional a reflexão da sua prática e a quem ela contempla, no sentido de antecipar algumas perspectivas e repensar o papel que desempenha no processo ensino-aprendizagem (Moran, 2004).

O tradicional papel do professor de figura central, dono do saber, deu lugar à infundável fonte de informações da internet. O ensinar, então, percorre um novo caminho (Cruz, 2008). Esse é o cerne da questão neste estudo.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 BREVE HISTÓRICO DAS CLASSIFICAÇÕES GERACIONAIS

Ao longo dos anos, observa-se que as pesquisas apontam para a intenção de analisar e se aprofundar no conhecimento do ser humano em sua integralidade, embora acredita-se não ser uma ciência exata. A partir desse intento, a classificação por gerações passou a ser um meio para a investigação detalhada e mais próxima da ideia de precisa. Segundo o relatório “*The Whys and Hows of Generation Research*” (Os porquês e como da pesquisa de gerações, tradução nossa) divulgado pelo instituto de pesquisas americano Pew Research Center (2015, p. 2), o estudo das gerações oferece “uma forma de entender como acontecimentos globais, econômicos e sociais interagem entre si para definir a forma como vemos o mundo”.

Nota-se nas revisões bibliográficas afins o uso da palavra *coorte* (2020), que por definição é um “grupo de pessoas usado em estudos ou em investigação, que possuem características em comum, como a idade, a classe social, a condição médica, etc.”, o que nos esclarece como são definidas as gerações.

A respeito dos critérios, no mesmo estudo, o Pew Research Center (2015, p. 2), atesta que a definição das gerações

envolve o rastreamento dos mesmos grupos de pessoas em uma variedade de questões, comportamentos e características. Definir os limites de gerações é um passo necessário para esta análise. É um processo que pode ser informado por uma série de fatores, incluindo dados demográficos, atitudes, eventos históricos, cultura popular e consenso entre os pesquisadores.

Parece notório que a divisão por gerações esclarece não só o perfil de um grupo de pessoas nascidas no mesmo espaço de tempo, mas, sobretudo, seus padrões de comportamento nos diversos âmbitos, o que nos permite antecipar perspectivas.

Desse modo, as gerações foram divididas em quatro grupos, por alguns dentre os estudiosos do assunto, porém sem unanimidade para delimitar o fim e o início entre uma geração e outra, numa tentativa de traçar perfis e padrões de comportamento que as regem. Segundo Lulio (2017), não é tarefa simples formalizar essas classificações, mas cita, como se segue, a divisão brasileira, inclusa neste estudo em formato de tabela para facilitar a visualização:

Baby Boomers	Nascidos entre 1945 a 1964
Geração X	Nascidos entre 1965 a 1984
Geração Y	Nascidos entre 1985 a 1999
Geração Z	Nascidos entre 2000 a 2009

Fonte: O autor

É defendida ainda entre os pesquisadores a existência de cinco grupos geracionais (e não quatro), classificados preferencialmente por décadas, conforme consta no estudo de Jordão (2016, p.1), reproduzidos como se segue:

Gerações	Veteranos	Baby Boomers	X	Y	Z	Alfas
Nascidos	entre 1920 e 1940	entre 1940 e 1960	entre 1960 e 1980	entre 1980 e 2000	a partir de 2000	a partir de 2010

Comparativamente em ambas as teorias, observa-se um espaço menor de tempo na divisão das gerações Z e Alfa. A esse respeito, Oliveira esclarece em sua obra (2019, p. 23)

Nos primórdios, as gerações eram definidas, como sendo aquelas que sucederam seus pais, e eram classificadas a cada vinte e cinco anos. A partir dos últimos cinquenta anos, com a influência da tecnologia, da popularização da televisão de tubo aos smartphones, a divisão das gerações passou a ser feita conforme a relação entre o homem e a máquina. Os protagonistas tiveram uma aceleração do tempo, no modo de fazer as coisas, bem como no jeito de produzir. Diante disso houve a necessidade de pensar em outras formas de indagar estas pluralidades de formação social.

Em entrevista concedida ao Jornal da Globo (2015), o educador Mario Sergio Cortella afirma que “nos últimos 50 anos, nós tivemos uma aceleração do tempo, do modo de fazer as coisas, do jeito de produzir”. Acrescenta ainda que a tecnologia é fator decisivo para marcar o tempo.

Para Oliveira (2019), o computador mudou, entre vários aspectos, as formas do ser humano lidar consigo mesmo, se comunicar, conhecer e pesquisar e, inclusive, de se relacionar com os outros e com o mundo.

Com a instituição da era digital, surge a geração Alfa. Considerada por pesquisadores (Oliveira, 2019) uma transição da geração Z e perfil ainda em construção, evidente está que se trata da primeira geração nascida totalmente imersa na tecnologia. Esse fator será determinante na tentativa de indicar o que já se observa dessa geração. São exatamente os 100% tecnológicos o foco de estudo deste material, por se tratar do público-alvo dos alunos da escola pública aqui mencionada.

1.2 O PERFIL DA GERAÇÃO ALFA

O nome Alfa foi conferido por Mark McCrindle, pesquisador social australiano. Em seu relatório *Understanding Generation Alpha* (2020, p. 5), ele afirma que “a geração Alfa representa uma nova geração, totalmente nascida num novo século”, justificando a escolha da primeira letra do alfabeto grego como representação de volta ao começo, pois nos dá um olhar de projeções futuras.

São considerados *Alfas* os nascidos a partir do ano de 2010 e se estenderão até o ano de 2024, quando estima-se que nascerá a última leva deles e então a geração beta surgirá. Não por acaso, com o surgimento dos Alfas em 2010 também foram lançados o primeiro tablete da marca Apple (o Ipad) e o aplicativo de mídia social Instagram (McCrindle, 2020, p.6). Desde muito cedo, os alfas estão totalmente familiarizados com todas essas ferramentas tecnológicas.

A intenção aqui é conjecturar futuras ações e possibilidades, especialmente no limiar educacional, com vistas ao ensino-aprendizagem da língua inglesa para a faixa etária. Segundo Merzenich através de matéria divulgada pelo site Gente, intitulada *Presente e Futuro: por dentro do cérebro alfa* (2019), “o objetivo não é fazer previsões de bola de cristal, mas explorar, com base nas tendências atuais e emergentes, os fatores que diferenciam essa geração das que vieram antes”.

Segundo o autor

os integrantes da Geração Alpha não nascem completamente diferentes dos Millennials ou da Geração Z, mas suas personalidades, motivações e perspectivas serão influenciadas por seus arredores mutáveis. Os efeitos da tecnologia nas mentes dos alphas, as tendências tecnológicas que definirão essa geração e como as organizações e as marcas poderão influenciar esses novos jovens, ainda são questionamentos em busca de respostas. É importante notar que os limites geracionais são em grande parte arbitrários e que há muito mais semelhança do que diferenças entre uma geração e outra.

As revisões bibliográficas não preveem ainda um perfil conclusivo para os *Alfas*. O que já se pode observar são algumas características, visto que essa geração está ainda em pleno desenvolvimento. No entanto, se analisarmos as características atribuídas aos Zs (ou Centennials), seus antecessores, entenderemos mais claramente o que já podemos evidenciar dos alfas e também o que definiremos por previsível.

Borges e Silva (2013) *apud* Oliveira (2019) mencionam que o “Z” que nomeia essa geração vem de *zapear*, “olham televisão, ficam no telefone, no computador entre outras coisas, simultaneamente”. Essa geração, portanto, já é considerada contemporânea digital, uma vez que nasceu no advento da era World Wide Web em 1990 e no “boom” da criação dos aparelhos tecnológicos (Jordão, 2016, p.5).

Os Zs são, portanto, considerados nativos digitais, os multi conectados. Tapscott (2010, p. 32) que prefere nomeá-los Geração Internet, esclarece que

é mais provável que um jovem da Geração Internet ligue o computador e interaja simultaneamente com várias janelas diferentes, fale ao telefone, ouça música, faça o dever de casa, leia uma revista e assista à televisão. A tevê se tornou uma espécie de música de fundo para ele.

A partir dessa proposição sobre os Centennials, o conceito e a visão de mundo que possuem é amplamente afetada, livre das fronteiras geográficas, uma vez que aprenderam a conviver com a globalização sem custo elevado. Jordão (2016, p.3) destaca que “Como informação não lhes falta, estão um passo a frente dos mais velhos, concentrados em adaptar-se aos novos tempos”, diz Jordão (2016, p. 3), uma informação que poderia indubitavelmente se referir à sua sucessora, geração *Alfa*.

Observa-se então que surge uma nova configuração social, já que a internet é usada como meio de comunicação e que “a interação social online desempenha crescente papel na organização social como um todo” (Castells, 2003, p. 109), o que não é diferente quando se trata da aprendizagem.

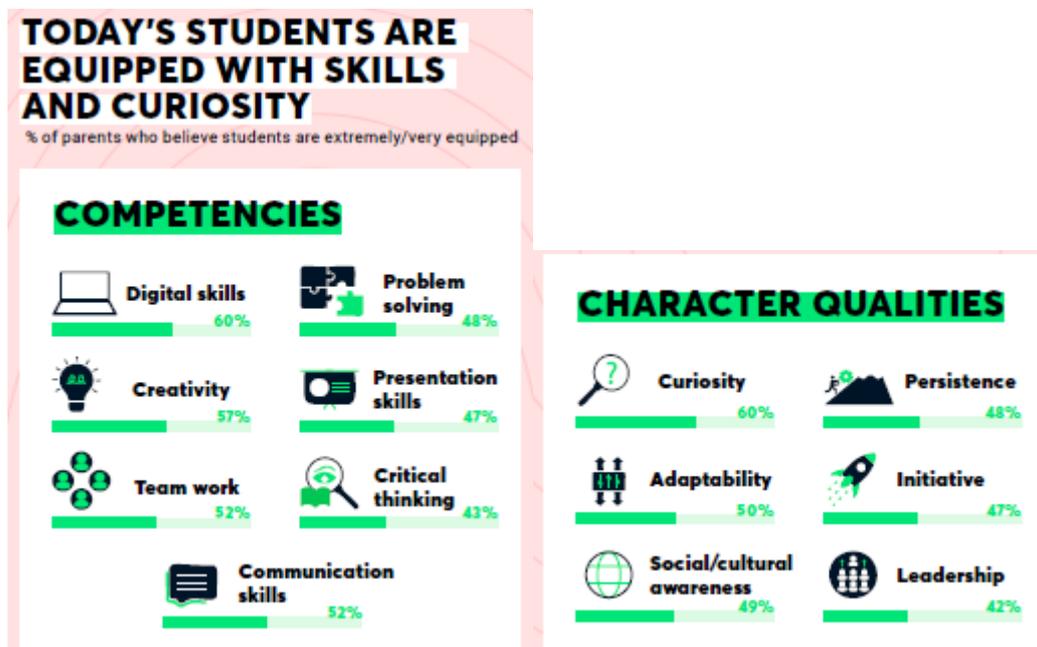
1.3 COMO O ALFA APRENDE

Notável está que a tecnologia aprimora certas habilidades. Segundo Oliveira (2019, p. 30) se referindo aos *Alfas*, “este grupo, sem dúvida, serão as crianças mais expostas à educação precoce, devido ao contato tecnológico e à disponibilidade de manusear os eletrônicos”. A observação e a prática nos levam a crer que a excessiva exposição à informação desde muito cedo faz com os *Alfas* aprendam de forma muito diferenciada do modelo de aprendizado visto até agora.

Os estímulos do mundo real no aprendizado estão aos poucos sendo substituídos por ferramentas digitais, não só para aprender, mas principalmente para brincar e interagir, ideia que defende a agência global de comunicações britânica Hotwire em seu relatório, também dedicado a entender a geração Alfa.

Em sua pesquisa, McCrindle (2020), percebeu que “o aumento antecipado da automação levou a um foco no desenvolvimento das habilidades do século 21 para a aprendizagem ao longo da vida dos alunos”. O que encontrou, está reproduzido abaixo. Importante evidenciar que esses traços podem ser observados no aluno Alfa.

Figura 1: Percentual de pais que acreditam que os alunos são extremamente/ muito dotados (de) competências e qualidades de caráter.



Fonte: McCrindle (2020, p. 14)

Furia (2016) em post no blog Tutores Educação afirma que

as crianças da geração Alpha são muito curiosas, espertas e ligadas em tudo à sua volta; terão, provavelmente, o maior nível educacional de todas as gerações; começarão a estudar mais cedo; serão as primeiras a experimentar um novo sistema escolar, mais personalizado e híbrido (on-

line e off-line), com foco na autonomia do aluno e no aprendizado, baseado em projetos para aprender por meio de situações do cotidiano; e vão deter o maior conhecimento tecnológico da história.

A geração Alpha tem mais acesso à informação do que as outras anteriores (McCrinkle, 2020, p. 12) deixando o professor de ser a sua principal fonte de conhecimento. Por conseguinte, na prática, o professor também tem que ensinar um indivíduo com muito mais questionamentos e que pensa na velocidade da internet.

Brilhantemente Veen e Vraking (2009, p.12) trazem um interessante conceito da geração que aprendeu a lidar com novas tecnologias e que está cada vez mais inserida no contexto educacional: o *Homo zappiens*.

O *Homo zappiens* é um processador ativo de informação, resolve problemas de maneira muito hábil, usando estratégias de jogo, e sabe se comunicar muito bem. Sua relação com a escola mudou profundamente, já que as crianças e os adolescentes *Homo zappiens* consideram a escola apenas um dos pontos de interesse em suas vidas. Muito mais importante para elas são suas redes de amigos, seus trabalhos de meio-turno e os encontros de final de semana. O *Homo zappiens* parece considerar as escolas instituições que não estão conectadas ao seu mundo, como algo mais ou menos irrelevante no que diz respeito à sua vida cotidiana. Dentro das escolas, o *Homo zappiens* demonstra um comportamento hiperativo e atenção limitada a pequenos intervalos de tempo, o que preocupa tanto pais quanto professores. Mas o *Homo zappiens* quer estar no controle daquilo com que se envolve e não tem paciência para ouvir um professor explicar o mundo de acordo com suas próprias convicções. Na verdade, o *Homo zappiens* é digital e a escola analógica.

O que vemos aqui é nada mais do que validação das ideias iniciais que embasaram a geração Z e estão se consolidando na geração *Alfa*, na qual este estudo está direcionado.

José Moran (2017, p. 66), sobre as transformações que a escola vem sofrendo, afirma que

nesse cenário tão dinâmico, a escola parece parada no tempo. Está *off-line* em um mundo *on-line*. O Whatsapp é o aplicativo que expressa a febre da atualização incessante, ao vivo, em multigrupos, do fluir incessante de mensagens, vídeos, comentários. A escola parece um museu, um outro mundo, um espaço de confinamento, quadrado, com tempos marcados para cada área de conhecimento, para cada atividade, para cada avaliação. A escola parece fora do lugar em mundo conectado *on-line*.

Nesse sentido, há de se considerar que a construção de conhecimento na educação básica que a geração *Alfa* recebe, conseqüentemente precisa ser discutida. Veen e Vraking (2009, p.13) oportunamente escrevem

hoje, consideramos o conhecimento como algo que se negocia e sempre em um contexto de mudança dentro de um domínio específico. De um ponto de vista psicológico, atualmente acreditamos que a aprendizagem é o processo mental pelo qual os indivíduos tentam construir o conhecimento a partir das informações, outorgando significado a elas. Não são os meros dados que nos dão a compreensão dos processos ou fenômenos; é a interpretação dos dados e das informações que leva ao conhecimento. O significado que atribuímos à informação é, em geral, comunicado e negociado em nossa comunidade ou sociedade.

O grande desafio da escola hoje, enquanto instituição e representada pelo seu corpo docente, é educar os *Alfas* não só transmitindo conteúdo, mas, sobretudo, concedendo á seus “clientes” uma postura ajustada aos novos padrões de comportamento.

1.4 A GERAÇÃO ALFA E O ENSINO DA LÍNGUA INGLESA

Sobre o ensino da Língua Inglesa no Ensino Fundamental I, Celani (2004, p. 121) apud Rocha (2009, p. 251) evidencia que

assim como nas séries posteriores, o inglês nos anos iniciais do EFI contribui para o processo educacional como um todo, indo muito além da aquisição de um conjunto de habilidades linguísticas. Leva a uma nova percepção da natureza da linguagem, aumenta a compreensão de como a linguagem funciona e desenvolve maior consciência do funcionamento da própria língua materna.

Vygotsky embasa a ideia de que o social e o biológico não podem ser separados (Rego, 1995) e ainda no raciocínio vygotskiano, a aquisição da linguagem ocorre através da interação social (Borges e Salomão, 2003). Isto é, para os *Alfas*, essa aquisição, devido ao padrão de comportamento já exposto, se dará segundo Veen e Vraking (2009, p. 68) através de uma abordagem não-linear, guiadas pela investigação do aluno e, “como a informação digital é acessível por meio de estratégias que não só a leitura, as abordagens não-lineares fomentam as estratégias de aprendizagem ativas”.

Portanto, apoiando-se nas ideias de Rocha (2009) a língua estrangeira no Ensino Fundamental I público se insere não mais com vistas ao aspecto instrumental e conhecimento sistêmico, mas como instrumento de comunicação global na sociedade contemporânea (Bauman, 2001), capacitando o aluno, especificamente, para atuar em situações socioculturais ao invés de focar na comunicação geral, padronizada por situações de um falante nativo e sua cultura.

Assim sendo, não é possível assumir essas premissas sem falar em multiletramentos, conforme defendem Moita Lopes e Rojo (2004), “letramentos múltiplos e críticos, que capacitem o indivíduo a agir com maior autonomia e criticidade na sociedade

contemporânea, multissemiótica e pluriculturalmente marcada” (apud ROCHA, 2009, p. 23).

Rocha (2010) defende que o papel do inglês é o de recurso para que sejam desenvolvidas capacidades que permitam aos aprendizes enfrentar os novos desafios da atualidade de forma ética e protagonista.

Protagonizar a aprendizagem, aliás, é como o ensino da Língua Inglesa precisa ser pensado para os *Alfas*, conforme preconiza a educação 4.0 (figura 1). O número representa a presença da tecnologia em sala de aula como ferramenta e o uso da internet através de conteúdos mais personalizados e interativos (Andrade, 2020).

Educação 4.0

O aluno passa a viver a experiência da aprendizagem por meio de projetos colaborativos, nos quais os professores e colegas atuam juntos. Os recursos disponíveis na escola passam a ser usados de maneira criativa e novas estratégias são baseadas nas metodologias ativas para as atividades em sala de aula.

Fonte: Guia definitivo da educação 4.0, p.4

A utilização do Inglês atualmente concedeu-lhe o status de linguagem global (Crystal, 2003). Os jogos, a internet e todo esse novo momento inclui os *Alfas* em situações de interação significativas e situadas, embasadas na transversalidade (Rocha, 2009).

O ensino da língua estrangeira em sala de aula não pode estar distante desse universo eletrônico, precisa estar direcionado aos pensadores digitais, como bem definem Veen e Vrakking (2009, p. 70-71)

as crianças gostam de ser desafiadas, pois já passaram por experiência semelhante ao jogar no computador. Elas também gostam de ser desafiadas em tarefas complexas. A abordagem pedagógica tradicional de trabalhar passo a passo não é o que elas gostam de fazer. Elas são não-lineares - o que é mais desafiador. Elas gostam de estar imersas em situações em que não se sabe por onde começar e nem como agir. Gostam de aprendizagem experiencial, como a dos jogos de computador. O que elas não gostam é de uma sala de aula em que não tenham o controle, em que só há um único fluxo de informação e em que não há ninguém com quem se possa trabalhar em conjunto, negociar ou se comunicar (pois os celulares têm de estar sempre desligados!). Esta situação está muito longe de suas experiências cotidianas em casa, quando estão jogando e se comunicando em equipes internacionais.

O professor de Inglês da geração *Alfa* é, então, desafiado a pleitear espaço com aplicativos e sites que são bem mais interativos e atrativos no ensino da língua e conquistar a atenção e confiança do *Alfa*. Precisa inadiavelmente buscar o seu letramento eletrônico. Ser letrado conforme define Andrade (2014, p. 21)

é saber pesquisar, selecionar, utilizar as diversas ferramentas disponíveis para cumprir propósitos variados, é se relacionar, aprender constantemente, construir, transformar, reconstruir e compartilhar conhecimentos, sempre utilizando recursos disponíveis na Web, seja para a vida pessoal, seja para a vida profissional.

O processo é contínuo, nas experiências cotidianas e interpretação de situações, compreendendo o seu significado e adquirindo a capacidade de interagir através de práticas diferentes das tradicionais (Andrade, 2014), assumindo o papel de mediador do conhecimento. Sabiamente, Moran (2004, p. 37) descreve, desta vez, um perfil desse profissional:

os educadores marcantes atraem não só pelas suas ideias, mas pelo contato pessoal. Transmitem bondade e competência, tanto no plano pessoal, familiar como no social, dentro e fora da aula, no presencial ou no virtual. Há sempre algo surpreendente, diferente no que dizem, nas relações que estabelecem, na sua forma de olhar, na forma de comunicar-se, de agir. E eles, numa sociedade cada vez mais complexa e virtual, se tornarão referências necessárias.

O professor de inglês dos *Alfas* precisa não só estar um passo a frente da tecnologia, como também trazer ao aluno as experiências que o ambiente virtual não contempla.

Parafraseando Veen e Wracking (2009) a educação futura precisa estar pautada em alguns princípios, dentre eles a confiança, a relevância e o talento e todos eles não se mantêm por si só, mas precisa da intermediação do professor para que coexistam.

Nesse sentido, há relevância da visão do profissional, bem como o relato de sua prática para este estudo, como explicado em seguida.

2. METODOLOGIA

“Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino”. (Freire, 2002)

Tendo em vista os objetivos deste estudo, ou seja, identificar as mudanças no perfil do aluno pertencente à geração Alfa da escola pública e, a partir desse levantamento, quais as implicações na sistemática do ensino da Língua Inglesa, a metodologia selecionada para este trabalho é a pesquisa ação que é, segundo Tripp (p.445), “principalmente uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus alunos”, possibilitando confrontar essa descrição com a metodologia no ensino da Língua Inglesa bem como buscar novas estratégias para a prática efetiva.

Considerando os objetivos expostos, o estudo foi realizado em uma escola estadual de tempo integral (ETI) situada em um bairro de classe média baixa, de 1º a 5º ano do

Ensino Fundamental. Os participantes foram 14 professores que lecionam nas oficinas da parte diversificada, com idade entre 30 e 55 anos. Esses profissionais ministram aulas não só na escola em questão, como também em outras escolas estaduais de Ensino Fundamental II e Ensino Médio. Apenas um dos docentes entrevistados leciona também no Ensino Superior privado. A formação e o tempo de experiência dos entrevistados constam no quadro abaixo.

ESPECIALISTA 1	Formação em Letras na Universidade Nove de Julho, 7 anos de experiência docente.
ESPECIALISTA 2	Formação em Educação Física, na Universidade Castelo Branco em 1999, 13 anos de experiência docente.
ESPECIALISTA 3	Formação em Letras na Universidade Cidade de São Paulo, 7 anos de experiência docente.
ESPECIALISTA 4	Formação em Letras na Universidade do Grande ABC, 14 anos de experiência docente.
ESPECIALISTA 5	Formação em Letras, na Universidade Nove de Julho, 13 anos de docência.
ESPECIALISTA 6	Formação em Letras na Universidade Nove de Julho, 2 anos de docência.
ESPECIALISTA 7	Formação em Educação Física, na Universidade Ibirapuera, 10 de experiência docente.
ESPECIALISTA 8	Formação em Matemática e Pedagogia na Universidade de Guarulhos, 19 anos de experiência docente.
ESPECIALISTA 9	Formação em Artes Visuais na Faculdade Mozarteum de São Paulo, 5 anos de experiência docente.
ESPECIALISTA 10	Formação em Letras na Universidade do Grande ABC, 12 anos de experiência docente.
ESPECIALISTA 11	Formação em Matemática na Universidade Camilo Castelo Branco, 11 anos de experiência docente.
ESPECIALISTA 12	Formação em Letras, no Centro Universitário Fundação Santo André, 7 anos de experiência docente.
ESPECIALISTA 13	Formação em Letras na Universidade São Judas Tadeu, 3 anos de experiência docente.
ESPECIALISTA 14	Formação em Letras na Universidade de Guarulhos, 10 anos de experiência docente.

Para início da análise, antes mesmo da ida ao campo, foi feita uma pesquisa bibliográfica com objetivo de encontrar teorias relacionadas aos perfis geracionais, em busca de perceber a importância da divisão desses grupos e faixas etárias, a transição e a influência da geração Z para a geração Alfa, realizada preferencialmente através da

internet, dada à contemporaneidade do conteúdo, inclusive com capítulos de livros relacionados a tópicos secundários.

A coleta de dados para este estudo envolveu instrumentos pertinentes à pesquisa qualitativa, considerando que sua finalidade é “documentar, em detalhes, os eventos diários e identificar o que esses eventos significam para os participantes e para as pessoas que presenciam os eventos” (Erickson, 1998). Entre eles foi utilizada entrevista semiestruturada direcionada ao corpo docente das oficinas da parte diversificada da escola estadual envolvida neste estudo. No primeiro momento, o trabalho de coleta de dados envolveu a aplicação de questionários abertos com duas perguntas orientadoras, visando perceber como o professor especialista percebe o aluno do Ensino Fundamental hoje e o que esse profissional mudou na sua prática em sala de aula para alcançar esse aluno e tornar o processo de aprendizagem significativo e efetivo (anexo 1). Dos 14 questionários enviados, obteve-se retorno de todos os professores.

Além dos questionários, notas de campo também foram utilizadas, pois segundo Emerson et al (p. 370) “refletem (e são produto de) convenções para a transformação de eventos, pessoas e lugares testemunhados em palavras no papel” , com o objetivo de registrar como o aluno da geração Alfa aprende e seu comportamento frente aos estímulos de aprendizagem em suas especificidades e suas implicações metodológicas no ensino da Língua Inglesa.

Os dados apurados foram de extrema importância para nortear os conceitos apresentados aqui, confirmados pela sua interpretação, como se segue.

3. INTERPRETAÇÃO

Nesta seção, serão apresentados os achados, bem como a sua análise, coletados a partir da utilização de questionário dirigido a 14 profissionais especialistas de uma escola estadual de tempo integral de Ensino Fundamental I e também notas de campo de atuação em sala de aula, conforme apresentados na seção de metodologia. O objetivo foi apurar qual a visão que o professor tem a respeito de quem é o seu aluno, como e se ela tem influenciado na sua metodologia ao longo de sua carreira docente e constatar em situações reais e cotidianas de sala de aula, a demonstração desse perfil.

Dentre os profissionais entrevistados, metade menciona a tecnologia, não só como principal causa da mudança de perfil do aluno, como também em outros aspectos adiante esclarecidos. Um dos especialistas acredita as crianças estão mais voltadas à tecnologia “talvez (isso) pode ser pelo fato das crianças estarem mais dentro de casa do que na rua soltando pipa ou jogando bola”, gastando muito do seu tempo utilizando aparelhos tecnológicos, como computador, celular, tablete, etc. Ao analisarmos essa questão, há muito ainda a considerar a respeito da tecnologia. A observação em campo revelou que o professor precisa disputar a atenção dos alunos com o celular. No decorrer das aulas,

muitos alunos terminavam as tarefas propostas com bastante pressa, pois tinham a esperança de lhes ser permitido utilizar o celular no tempo restante de aula.

Com base nas respostas dos especialistas, a tecnologia foi apontada como atrativo e motivador da aprendizagem, principalmente jogos. O excesso e a rapidez com que recebem informações também foram atribuídos à tecnologia, que, segundo os entrevistados, leva o aluno a ser mais ativo, mais questionador, mais crítico, especificamente quanto ao que aprende, “compreendendo que o estudante não é mero receptáculo”. O “por que” e “para que” aprende também foram citados. Não raro foi observado que, mesmo enquanto o professor escrevia a tarefa proposta na lousa, os alunos já se manifestavam perguntando: “Pro, o que é pra fazer?”

A maioria classificou as mudanças ocasionadas pela tecnologia boas, embora mencionassem que isso afetou diretamente a sua prática em sala de aula, considerando esse contexto desafiador, mas necessário, pois o aprendizado precisa “fazer sentido” para o aluno. Um dos especialistas mencionou, inclusive, que na questão da tecnologia existe hoje uma troca entre os estudantes e professores, pois, os segundos é que aprendem com os primeiros.

Outros aspectos também foram levantados. Na questão comportamental, um especialista atribui as mudanças à base familiar, que, segundo ele, está bastante defasada. Com isso, as crianças estão, segundo o entrevistado “sem limites, conseqüentemente requerendo uma docência mais firme, pois quem ensina limites e os coloca sou eu, isso trás um desgaste muito grande psicológico e físico”.

Dois dos entrevistados responderam que acreditavam haver desinteresse dos alunos pela escola, pois esses últimos a julgavam ultrapassada, “eles têm o ‘Google’ pra responder todas as dúvidas deles então eles ‘acham’ que sabem de tudo por ter a tecnologia ao seu favor e os pais estão ajudando para esse comportamento pois o dia a dia está tão corrido que eles deixam a educação dos filhos deles nas ‘costas’ dos professores.”

Entre os entrevistados, apenas um profissional classificou as mudanças no perfil do aluno em duas categorias, de acordo com a possibilidade de acesso à tecnologia que é oportunizada a esse aluno. Quanto mais possibilidade de acesso a tecnologias tem o aprendiz, mais essas poderão colaborar em seu aprendizado, ocorrendo também o contrário. “Esse contexto, na prática docente, implica numa divergência na ministração das aulas, pois em todo momento é necessário pensar em adaptações de como passar aquele determinado conteúdo para o(a) estudante de acordo com a sua realidade. Não há um padrão básico de recursos para suprir o desenvolvimento da aula (...)”, defende.

Com base nos dados coletados neste estudo, aparentemente, verificamos que a tecnologia é notoriamente um fator determinante na percepção dos especialistas quanto às mudanças no perfil dos seus alunos. Notou-se que todos os profissionais concordaram que essas mudanças no perfil do aluno são eminentes, porém cada um alegou e destacou o que acredita serem as possíveis causas. Percebeu-se também que quase todos os entrevistados estão cientes de que necessitam fazer mudanças ou adequações à sua metodologia para atingir o aluno da nova geração. Completam ainda, em suas falas que é necessário que o

professor se adapte e esteja apto á essas novas demandas; tem que se “reinventar” com suas aulas e falar a linguagem do aluno. Especificamente às aulas de Língua Inglesa, os professores postularam que essas precisam ser mais “interativas e cativantes” e que os jogos “são fator bem importante e motivador em sala de aula”.

Os aspectos principais deste estudo e as considerações finais acerca de seus resultados serão retomados na próxima seção.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O intuito primeiro do presente estudo não era, senão outro, o de levar o professor a refletir sobre sua prática. Pelas vozes de alguns profissionais que ajudaram a concretizá-lo, entende-se que o educador vive, hoje, na iminência de se reinventar para adentrar no universo tecnológico do seu aluno e conquistar não só espaço, mas também a sua confiança.

A prática docente parece nos mostrar que não há modelos de educação bem definidos para lidar com esse novo perfil de alunos, foco deste estudo.

É preciso resignificar a escola. O ambiente escolar não deve ser limitado às paredes da sala de aula. O universo virtual que se tornou parte do cotidiano dos alunos tornou-se, na geração *Alfa*, a extensão do espaço escolar. Neste universo, é preciso repensar o papel do professor.

Os alunos estão prontos para a multimídia, os professores, em geral, não. Os professores sentem cada vez mais claro o descompasso no domínio das tecnologias e, em geral, tentam segurar o máximo que podem, fazendo pequenas concessões, sem mudar o essencial, o método tradicional de lousa, caderno e giz.

Percebe-se na era digital o professor muito mais como um mediador e facilitador do que como fonte de informação. Nota-se, nesse ínterim, que o papel do aluno no processo ensino-aprendizagem deixa de ser passivo e receptor e passa a ser ativo-produtor. O aluno Alfa leva em conta o mundo interativo ao qual está inserido e assume o papel de protagonista e construtor do conhecimento, muito mais autônomo e questionador. A prática do professor precisa estar pautada nisso.

É preciso considerar, sobretudo, o papel que a Língua Inglesa exerce hoje no cotidiano dos nativos digitais. A internet proporciona acesso à informação em escala mundial, portanto, a Língua Inglesa pode ser a ponte que dá acesso ao aprendiz e o professor como o guia por este caminho.

O ensino da Língua Inglesa neste novo contexto não deve ser apenas a apresentação de um conteúdo a partir de estruturas ou formas linguísticas para apreensão de um código. Sugere-se pensar muito mais em temas relevantes que possibilitam a ampliação da interação dos estudantes no mundo, inclusive possibilitando o acesso a bens culturais que não seria possível através da sua língua materna (Megale, 2020).

A tecnologia já parece ser uma realidade que alunos e professores não são apenas integrantes, mas agentes transformadores e ativos. Ignorá-la na prática docente é manter distância do aprendiz ao qual deveríamos, na verdade, caminhar lado a lado.

Este estudo, coincidentemente, foi finalizado durante o período de pandemia do coronavírus, o que obrigou alunos e professores a quebrar paradigmas e enfrentar diariamente o desafio do ensino mediado pelas tecnologias. Caminhos tiveram que ser descobertos para que essa modalidade funcionasse melhor e, com isso, este trabalho parece fazer ainda mais sentido, uma vez que a tecnologia se fundiu à educação de forma aparentemente irreversível.

Os desafios são inúmeros se pensarmos na realidade da escola pública, onde as oportunidades e acesso à tecnologia não são homogêneos, porém, a chamada não é para construir muros, mas criar pontes, buscando alternativas que privilegiem a integração e equidade para os aprendizes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Adaptado de entrevista do educador Mário Sérgio Cortella ao Jornal da Globo. Disponível online em: <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2015/11/pesquisa-inedita-traca-operfil-do-jovem-brasileiro-da-geracao-y.html>. Acesso em: 01 out. 2019.

ANDRADE, Karen. *Guia Definitivo da Educação 4.0*. Disponível online em: <https://www.plannetaeducacao.com.br/portal/guia-definitivo-da-educacao-40>. Acesso em: 01 out. 2019.

ANDRADE, Maria. *Ensino de Língua Inglesa e as novas tecnologias: mediações pedagógicas e interação social*. Disponível online em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/6330/1/PDF%20-%20Maria%20de%20Andrade.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2020.

BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

BORGES, Lucivanda, SALOMÃO, Nádia Maria Ribeiro. Aquisição da Linguagem: Considerações da Perspectiva da Interação Social. In: *Psicologia: Reflexão e crítica*. Universidade Federal do Paraná, 2003. p. 327-336.

COORTE. In: DICIONÁRIO da Língua Portuguesa. Priberam Informática, 2020. Disponível online em: <https://dicionario.priberam.org/coorte>. Acesso em: 25 mar. 2020.

CRYSTAL, David. *English as a global language*. United Kingdom: Cambridge University Press, 2003.

EMERSON, Robert M.; FRETZ, Rachel I.; SHAW, L. Linda. *Notas de campo na pesquisa etnográfica*. Disponível online em: <http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/RevTendenc/article/download/690/606>. Acesso em: 18 mar. 2020.

ERICKSON, F. Qualitative research methods of Science Education. In: FRASER, B.; TOBIN, K.G. *International Handbook of Science Education*. London: Kluber Academic Publishers, 1998, p. 1155-1173.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Editora Paz e Terra.

GENTE. GLOBO. *Presente e futuro: por dentro do cérebro alfa*. Disponível online em: <https://gente.globo.com/por-dentro-do-cerebro-alpha/>. Acesso em: 11 mar. 2020.

HOTWIRE THE GLOBAL COMMUNICATIONS. *Understanding Generation Alpha*. Disponível online em: <https://www.hotwireglobal.com/generation-alpha>. Acesso em: 08 mar. 2020.

JORDÃO, Matheus Hoffmann. *A mudança de comportamento das gerações X, Y, Z e Alfa e suas implicações*. Disponível online em: <http://www.gradadm.ifsc.usp.br/dados/20162/SLC0631-1/geracoes%20xyz.pdf>. Acesso em: 16 set. 2019.

LULIO, Melissa. *Geração Baby Boomer, X, Y ou Z: entenda onde você se encaixa*. Disponível online em: <https://www.consumidormoderno.com.br/2017/02/20/geracao-baby-boomer-x-y-z-entenda>. Acesso em: 25 mar. 2020.

MEGALE, Antonieta. *Ensino de inglês em uma perspectiva interdisciplinar*. Disponível online em: <https://www.richmondshare.com.br/ensino-de-ingles-em-uma-perspectiva-interdisciplinar/>. Acesso em: 20 set. 2020.

MCCRINDLE, Mark; FELL, Ashley. *Understanding Generation Alpha*. Disponível online em: <https://generationalalpha.com/wp-content/uploads/2020/02/Understanding-Generation-Alpha-McCrindle.pdf>. Acesso em: 08 mar. 2020.

MORAN, José Manuel. *Como transformar nossas escolas: Novas formas de ensinar a alunos sempre conectados*. 2017. Disponível em http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2017/08/transformar_escolas.pdf. Acesso em: 01 out. 2019.

_____. Perspectivas (virtuais) para a educação. In: *Mundo Virtual*, Cadernos Adenauer IV, abril, n. 6. Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer, 2004. p. 31-45.

OLIVEIRA, Genori da Silva. *Geração Alpha entre a realidade e o virtual: o sujeito digital*. 2019. 43 f. Trabalho de Conclusão de Curso de bacharel em Psicologia – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Unijuí, Ijuí, 2019.

PEW RESEARCH CENTER. *The Whys and Hows of Generation Research*. Estados Unidos. 2015. Disponível online em: <https://www.people-press.org/2015/09/03/the-whys-and-hows-of-generations-research>. Acesso em: 25 mar. 2020.

ROCHA, Claudia Hillsdorf. *A Língua Inglesa no Ensino Fundamental I Público: Diálogos com Bakhtin por uma formação plurilíngue*. Disponível online em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-18132009000200006&script=sciabstract&tlng=pt>. Acesso em: 20 ago. 2020.

_____. Propostas para o Inglês no Ensino Fundamental I Público: Plurilinguismo, Transculturalidade e Multiletramentos. Disponível online em: http://taurus.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/269818/1/Rocha_ClaudiaHilsdorf_D.pdf, Acesso em: 13 ago. 2020.

TAPSCOTT, D. A hora da geração Digital. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira Participações, 2010.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. The identity of “World English”. Disponível online em: http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Livros/New_Challenges/07-Kanavillil%20Rajagopalan.pdf. Acesso em: 20 ago. 2020.

REGO, Thereza Cristina. Pressupostos Filosóficos e implicações educacionais do pensamento vygotskiano. In: VYGOTSKY *Uma perspectiva histórico-cultural da educação*. Petrópolis: Editora Vozes, 1995, p. 85-118.

TRIPP, David. *Pesquisa-ação: uma introdução metodológica*. Disponível online em: <https://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2020.

TUTORES EDUCAÇÃO MULTIDISCIPLINAR. *Geração Alpha e o futuro da Educação*. Disponível online em: <https://tutores.com.br/blog/?p=958>. Acesso em: 01 out. 2019.

VEEN, Wim; WRAKING, Ben. *Homo Zappiens: educando na era digital*. Porto Alegre: Artmed, 2009.